



A FIABILIDADE dos
TESTEMUNHOS APÓSTATAS
SOBRE OS NOVOS
MOVIMENTOS RELIGIOSOS

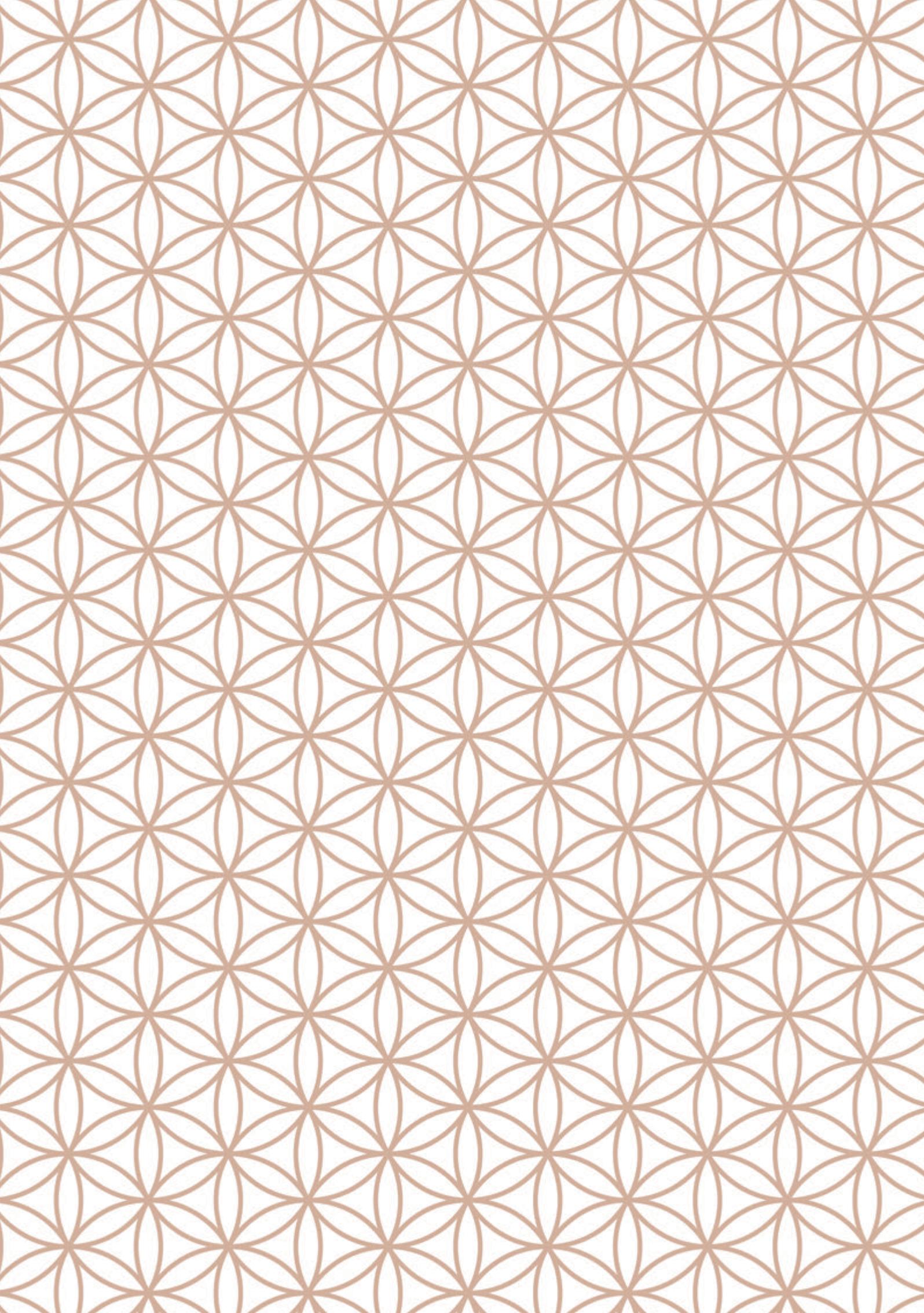
Lonnie D. Kliever, Ph. D.
Professor de Estudos Religiosos
Universidade Metodista do Sul
Dallas, Texas, EUA
24 de janeiro de 1995

A FIABILIDADE dos
TESTEMUNHOS APÓSTATAS
SOBRE OS NOVOS
MOVIMENTOS RELIGIOSOS

A FIABILIDADE DOS TESTEMUNHOS APÓSTATAS
SOBRE NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

ÍNDICE

I.	Experiência Profissional	1
II.	Incumbência	2
III.	A Apostasia no Passado	3
	III.I A Apostasia no Judaísmo Helenístico	3
	III.II. A Apostasia nas Religiões Pagãs	4
	III.III. A Apostasia na Igreja Cristã	4
IV.	A Apostasia no Presente	6
	IV.I. Tipos de Afastamento	6
	IV.II. Táticas de Reentrada	8
V.	Conclusões	9



Lonnie D. Kliever, Ph. D.
Professor de Estudos Religiosos
Universidade Metodista do Sul
Dallas, Texas, EUA
24 de janeiro de 1995

A FIABILIDADE *dos* TESTEMUNHOS APÓSTATAS SOBRE NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

I. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Obtive o Bacharelato de Artes *magna cum laude* em Psicologia da Universidade Hardin-Simmons, em 1955. Obtive o grau de Mestre em Teologia *cum laude* no Union Theological Seminary de Nova Iorque, em 1959. Doutorei-me em Filosofia em Religião e Filosofia, na Universidade de Duke, em 1963.

Anteriormente, fui nomeado para desempenhar funções, a tempo inteiro, no Departamento de Filosofia na Universidade do Texas, em El Paso, de 1962 a 1965, tendo atingido a categoria de Professor Associado no Departamento de Religião, na Universidade de Trinity, de San Antonio, de 1965 a 1969, no Departamento de Estudos Religiosos da Universidade de Windsor de Ontário, Canadá, de 1969 a 1975, tendo atingido a categoria de Professor Catedrático. Desde 1973, tenho desempenhado a função de Professor Catedrático de Estudos Religiosos na Universidade Metodista do Sul, sendo presidente do Departamento de Estudos Religiosos, desde 1975 até 1986 e desde 1993 até à presente data.

Sou um membro antigo, em pleno gozo dos seus direitos, da Associação Americana de Professores Universitários, da Academia Americana de Religião, da Sociedade para o Estudo Científico da Religião, da Sociedade Teológica Americana, da Sociedade Canadiana para o Estudo da Religião, da Sociedade Teológica Canadiana, do Conselho para o Estudo da Religião e tenho desempenhado funções públicas, presidido a comités profissionais, tendo servido em conselhos editoriais na maioria destas associações profissionais.

Sou filósofo de religião e de cultura com competência específica nas religiões da era moderna. Como tal, estou principalmente interessado nas formas de crença e prática religiosa em constante transformação tanto nas principais correntes como nos movimentos mais recentes, uma vez que ambos respondem aos desafios e mudanças da vida moderna. Ensino, regularmente, uma variedade de cursos de licenciatura e de pós-graduação na área do estudo comparativo da religião no âmbito filosófico e das ciências sociais, na Universidade Metodista do Sul. Além disso, conduzo um programa de investigação científica e de publicação na minha área de especialização, tendo publicado cinco livros sobre o pensamento religioso moderno intitulados *Radical Christianity* (O Cristianismo Radical) (1968), *H. Richard Niebuhr* (1977), *The Shattered Spectrum* (O Espectro Destroçado) (1981), *The Terrible Meek: Essays on Religion and Revolution* (Ensaio sobre Religião e Revolução) (1987), e *Dax's Case: Essays in Medical Ethics and Human Meaning* (O Caso de Dax: Ensaio sobre Ética na Medicina e Significado Humano) (1989), bem como numerosos artigos em publicações de excelente reputação, tais como *Harvard Theological Review*, *Journal of Religion*, *Journal of the American Academy of Religion*, *Studies in Religion*, *Religion in Life*, *Religious Studies Review* e *Journal for the Scientific Study of Religion*.

Enquanto especialista em religiões modernas, tenho conduzido um extenso estudo acadêmico sobre a Igreja de Scientology. Li a maioria dos principais textos teóricos escritos e publicados por L. Ron Hubbard, revi muitos dos boletins técnicos e administrativos preparados pelo Sr. Hubbard e pelos oficiais eclesiásticos e administrativos da Igreja, e examinei exemplos representativos dos manuais de treino usados por professores e por estudantes em vários cursos oferecidos pela Igreja. Também li alguns estudos científicos e jornalísticos da Igreja de Scientology. Para além disso, falei com praticantes de Scientology e visitei a sua Igreja na 46th Street e o seu Centro de Celebidades na 82nd Street na cidade de Nova Iorque, a sua Organização de Serviços de Flag, em Clearwater, Florida, e o seu centro de Celebidades em Dallas.

II. INCUMBÊNCIA

A Igreja de Scientology pediu-me para dar a minha opinião enquanto perito sobre dois temas gerais: (1) A incidência de apostasia nos novos movimentos religiosos e (2) A fiabilidade dos relatos que os apóstatas fazem das suas anteriores crenças e práticas religiosas. Estas duas questões são de importância crucial para a compreensão adequada dos novos movimentos religiosos, já que tais apóstatas são selecionados com frequência como informadores fiáveis acerca das suas crenças e práticas anteriores em denúncias nos meios de comunicação, e mesmo em estudos académicos de movimentos religiosos não tradicionais. Além disso, um número limitado de apóstatas tem apresentado pedidos de indemnização por perdas e danos, acusando as suas comunidades religiosas

anteriores de práticas enganosas e fraudulentas ou de coação emocional ou física. Por sua vez, estes litigantes individuais têm sido chamados muitas vezes a testemunhar como peritos noutros casos contra novas religiões submetidos por agências governamentais ou por dissidentes hostis.

A atenção especial dada pelos meios de comunicação aos apóstatas de novos movimentos religiosos e ao seu recurso a tribunais para pedidos de indemnização por alegados danos sofridos às mãos dos seus grupos religiosos anteriores envolve uma profunda mudança na atitude do público e tratamento dos apóstatas neste século. No passado, os apóstatas eram redondamente condenados por abandonarem a sua fé. De facto, a ação punitiva levada a cabo contra o apóstata pelo grupo religioso rejeitado era muitas vezes reforçada pelo poder do estado. Pelo contrário, nos últimos anos é mais provável o apóstata levar a cabo uma ação punitiva contra o grupo religioso, por vezes com o apoio da lei. Os apóstatas dos novos movimentos religiosos são muitas vezes vistos como vítimas em vez de vira-casacas devido às histórias extremamente negativas que contam sobre o seu passado religioso. Porém persiste a dúvida sobre se as explicações dos apóstatas são relatos fiáveis das suas associações religiosas e atividades passadas.

O interesse especial da Igreja de Scientology na questão da fiabilidade dos apóstatas deve-se ao facto de ela ter vindo a ser alvo de «denúncias» nos meios de comunicação com base em apóstatas e litigância civil. A introduzir a discussão completa que se segue, é minha convicção, devido à minha experiência profissional e investigação académica, que o apóstata não deve ser aceite *sem escrutínio* pelos meios de comunicação, pela comunidade científica, pelo sistema judicial, ou por agências governamentais como uma fonte segura de informações acerca de novos movimentos religiosos. O apóstata deve ser sempre olhado como um indivíduo predisposto a fazer um relato preconceituoso das crenças e práticas religiosas das suas associações e atividades religiosas anteriores.

III. A APOSTASIA NO PASSADO

A palavra «apostasia» é uma transliteração da palavra grega *apostasia*, que originalmente denotava insurreição ou secessão. O seu uso religioso denota o abandono deliberado de uma religião. A apostasia está intimamente relacionada com a heresia na qual a rejeição das crenças e práticas ortodoxas a favor das heterodoxas dentro de uma determinada religião é vista como uma negação categórica da verdadeira religião. Assim sendo, a apostasia deve ser compreendida como uma ocorrência pública em vez de privada. A apostasia não é uma questão de dúvidas religiosas pessoais ou de práticas religiosas passadas. A apostasia é a renúncia e condenação pública de crenças e práticas religiosas anteriores pela pessoa. O apóstata muitas vezes abandona uma religião em favor de outra, mas ele pode renunciar à religião completamente.

III.I A APOSTASIA NO JUDAÍSMO HELENÍSTICO

A Bíblia Hebraica condena com veemência a apostasia nacional dos antigos israelitas que, vez após vez, regressavam à religião e cultura politeístas de que tinham emergido. Porém os primeiros atos de apostasia individual ocorreram durante o reinado de Antíoco Epifânio (c. 175-164 a.C.), quando muitos judeus foram obrigados por este imperador pagão a renunciar à sua adoração a Deus em favor de deuses gregos. Uma paixão pela cultura helenística fez sérias incursões na religião e cultura judaica até à Revolta dos Macabeus, que conseguiram restaurar a lei judaica e o nacionalismo judaico. A apostasia esporádica continuou, mas um tal abandono da lei judaica encontrou uma condenação muito dura dentro da comunidade judaica.

Posteriormente sob domínio romano, os judeus foram autorizados a praticar a sua religião livremente sob o domínio político nominal de uma tetrarquia judaica. Durante este período floresceram movimentos sectários, porém nenhum mais poderoso do que o movimento cristão que com o tempo se separou totalmente do judaísmo. Sectários e cristãos foram condenados como apóstatas. Além disso, tal apostasia foi condenada em termos políticos e também religiosos porque entre os judeus, a religião e a cidadania estavam fundidas. A apostasia era vista como um crime contra o estado e também como um pecado contra Deus. Ao apóstata era negada a salvação e a cidadania.

III.II. A APOSTASIA NAS RELIGIÕES PAGÃS

Em geral, a ideia de exclusividade era alheia às religiões grega e romana, dada a sua natureza politeísta. Os cultos pagãos não expulsavam membros que aderiam a tradições religiosas ou a círculos filosóficos rivais. Porém os deuses de religiões pagãs foram frequentemente reconhecidos oficialmente pelas autoridades civis e identificados com o bem-estar do estado. Em tais casos, o abandono de religiões sancionadas politicamente enfrentava crítica pública e mesmo perseguição patrocinada pelo estado. No Oriente Grego, os cristãos eram acusados de ateísmo porque rejeitavam os deuses do povo. No Ocidente Latino, os cristãos eram acusados de ter abandonado a religião dos seus antepassados. Em qualquer das acusações, os primeiros cristãos que se recusavam a venerar os deuses cívicos eram condenados e muitas vezes perseguidos por insurreição contra o estado. Em suma, a apostasia só passou a ser um problema na sociedade pagã quando os seus costumes ancestrais ou os seus deuses cívicos foram rejeitados.

III.III. A APOSTASIA NA IGREJA CRISTÃ

Muitos dos primeiros judeus e pagãos que se converteram ao cristianismo continuaram a cumprir a lei ritual judaica ou a participar nos festivais religiosos pagãos. Inicialmente, a persistência de costumes religiosos antigos não era considerada apostasia. A apostasia só se tornou um ponto de

clivagem quando a igreja cristã se separou das formas judaica e gnóstica do cristianismo. Já no Novo Testamento, a apostasia está associada aos falsos professores e profetas cujo aparecimento assinalará o fim apocalíptico da era. Nos primeiros séculos, a apostasia era em grande medida um problema interno enquanto o cristianismo ortodoxo se separava de movimentos heréticos e cismáticos. Porém, com a conversão de Constantino, a apostasia tornou-se um delito civil punível por lei. Assim se deu início a mais de mil anos de cooperação mútua entre a Igreja e o Estado. O Estado usava o poder da espada para proteger a Igreja contra a apostasia e a Igreja usava o poder das escrituras para proteger o Estado contra a insurreição. Os apóstatas eram privados tanto dos seus direitos civis como dos seus direitos religiosos.

O abandono público do cristianismo era raro onde o vínculo entre a Igreja e Estado era firme, mas até mesmo os movimentos apóstatas secretos eram ativamente suprimidos. A tortura era usada livremente para obter confissões e encorajar desistência. Os apóstatas e os cismáticos eram excomungados pela Igreja e perseguidos pelo Estado.

Na história do cristianismo também houve apostasia em grande escala. O chamado «Grande Cisma» entre a Ortodoxia Oriental e o Catolicismo Ocidental, no século VIII, marcou a primeira grande divisão dentro da cristandade, da qual resultou excomunhão mútua. A Reforma Protestante, no século XVI, separou ainda mais cristãos contra cristãos. Cada grupo sectário reivindicou ter recuperado a autêntica fé e prática da Igreja do Novo Testamento, relegando assim as versões rivais de cristianismo para o estatuto de apostasia.

Além disso, aquelas igrejas protestantes que gozavam de monopólio territorial empregavam as armas de excomunhão determinada pela religião e de perseguição patrocinada politicamente contra os rivais que reivindicavam o cristianismo autêntico. Só com o fim das guerras religiosas e a promulgação de leis de tolerância é que foi posto fim a uma tal supressão política ativa da apostasia. Continuaram a ser impostas sanções religiosas, formais e informais, que iam desde excomunhão e deserção até censura e expulsão.

Como esta breve visão geral demonstra, a condenação dos apóstatas servia de «estratégia de legitimação» para todas aquelas religiões exclusivistas do passado que reivindicavam ser a única religião possuidora da verdadeira crença e prática religiosa. Em ambientes nacionais e territoriais onde as lealdades políticas e religiosas estavam fundidas, eram impostas sanções judiciais e também religiosas contra a apostasia. O apóstata era privado de cidadania e também de salvação. Como tal, o apóstata era visto como um portador de falsidade e de imoralidade que ameaçavam a pureza da comunidade religiosa e a estabilidade da ordem política.

A apostasia passou a ser um problema cada vez menor no mundo moderno à medida que as tradições religiosas suavizavam as suas reivindicações dogmáticas e as sociedades seculares se tornavam independentes de aprovação religiosa. A aceitação do pluralismo religioso e a privatização da fé religiosa neste século libertaram grandemente os indivíduos que mudaram de religião do ódio religioso e judicial ao apóstata. É verdade que a Igreja Católica Romana ainda detém a arma de excomunhão, os Protestantes Fundamentalistas censuram os perigos de heresia, e ocasionalmente famílias devotas podem rejeitar filhos que se casam fora da sua fé ou se convertem a outra religião. Mas estas sanções não acarretam o peso público ou privado que acarretavam no passado. Elas são os gestos rituais de dogmatistas religiosos que perderam a sua autoridade incontestada nas culturas pluralistas e seculares.

IV. A APOSTASIA NO PRESENTE

Nos últimos trinta anos, a apostasia voltou a ser uma questão tanto do domínio público como do privado, embora como acima se diz, o tratamento do apóstata dos dias de hoje pouco se assemelhe ao modo como os apóstatas eram vistos no passado. Desde a década de 1960, tem aparecido uma variedade de novos movimentos religiosos em todas as sociedades democráticas modernas. Muitos destes movimentos religiosos minoritários fazem exigências «totalizantes» aos seus membros, pedindo um compromisso absoluto com os seus ensinamentos religiosos e uma total devoção à sua comunidade religiosa. Outras novas religiões não requerem imersão total de todos os membros na sua vida e missão comunitária, mas requerem no entanto adesão rigorosa a padrões doutrinários, éticos e rituais. É certo que todas as novas religiões têm crenças e práticas discordantes das religiões dominantes. Não é surpreendente, dadas estas exigências rigorosas, que alguns dos que aderiram pouco tempo depois decidam que um determinado movimento religioso não é para eles e se vão embora. A partida deles normalmente passa despercebida porque a maior parte dos indivíduos envolvidos consideram positiva a sua experiência passada como mais um passo na sua própria jornada espiritual.

Mas em contraste com o acima referido, entre aqueles que se vão embora voluntariamente há uns poucos desertores que ganharam grande notoriedade por atacarem publicamente as suas anteriores associações e atividades religiosas através da imprensa e nos tribunais. Como fontes de informação bem recebidas para um público simultaneamente curioso e receoso acerca destas novas religiões estranhas, tais apóstatas são frequentemente tratados como *celebridades* em vez de marginais. Porém, como veremos mais adiante, nem o anterior membro silenciosamente compreensivo, nem o apóstata vocalmente ressentido de um novo movimento religioso, nenhum

deles pode ser tomado como intérprete objetivo e fidedigno do movimento religioso a que pertenceu anteriormente.

IV.I. TIPOS DE AFASTAMENTO

É frequente o público em geral ter a ideia errada de que poucos afastamentos de novos movimentos religiosos são experiências voluntárias e positivas. A imagem de novas religiões como grupos rigidamente regulados que controlam os pensamentos e ações dos seus membros através de uma variedade de técnicas de «controlo da mente» está profundamente arraigada na imaginação do público, graças à fixação dos meios de comunicação nas histórias de horror de antigos membros e na propaganda de grupos anticulto. Até muitas das primeiras descrições académicas de novos movimentos religiosos perpetuaram esta noção errada baseando os seus estudos quase inteiramente nos apóstatas que foram forçados a separar-se das suas associações religiosas precedentes, quer por desprogramação coerciva quer por hospitalização involuntária. Mas um número de estudos académicos recentes (e.g., James A. Beckford, *Cult Controversies: The Societal Response to New Religious Movements* (Controvérsias do Culto: A Resposta Social a Novos Movimentos Religiosos), Londres: Tavistock Publications, 1985; Stuart A. Wright, *Leaving Cults: The Dynamics of Defection* (Abandonar Cultos: As Dinâmicas de Deserção), Washington, DC: a Sociedade para o Estudo Científico da Religião, 1987) demonstraram claramente que existem dois tipos muito diferentes de apostasia que, por sua vez, podem ser relacionados com duas avaliações apóstatas muito diferentes de novos movimentos religiosos.

Só uma pequena minoria de deserções de novos movimentos religiosos resulta de apostasia forçada. Os grandes esforços para «resgatar» um dado indivíduo de um novo movimento religioso são sempre iniciados por pessoas de fora. Os parentes que se opõem ao envolvimento de um indivíduo numa nova religião são confrontados com um duplo problema — porque é que essa pessoa aderiu e como é que essa pessoa pode ser afastada daquela religião.

A primeira pergunta é respondida tipicamente por uma explicação de «lavagem ao cérebro» que, por sua vez, justifica uma solução de «desprogramação» para o segundo problema. O cenário de lavagem ao cérebro «explica» como um convertido a uma nova religião veio a abraçar e defender aquilo que à pessoa de fora parece ser crenças e práticas absurdas. O indivíduo em questão é visto como vítima de várias técnicas psicológicas e sociológicas de controlo da mente. Dada essa circunstância, o único meio para resgatar essa pessoa é alguma forma radical de intervenção que liberte o indivíduo de tal sujeição. O recurso a rapto forçado e a desprogramação ou tutela jurídica e hospitalização são justificados como os meios necessários para salvar de si mesmos os seguidores desencaminhados e manipulados das nova religiões. Numa forma ou na outra, as alegações de lavagem ao cérebro e as justificações de desprogramação são as bases de todas essas «operações de resgate».

Devido à sua grande visibilidade em denúncias nos meios de comunicação social e ações judiciais contra as suas anteriores congregações religiosas, tais apóstatas coagidos ajudaram a fomentar a controvérsia à volta dos novos movimentos religiosos. A disponibilidade deles como «sobreviventes do culto» faz deles matéria escaldante para os meios de comunicação social, que frequentemente são a única informação sobre os novos movimentos religiosos de que o público em geral dispõe. Neste estádio do processo, a ligação lógica entre a lavagem ao cérebro e a desprogramação funciona no sentido inverso. O próprio facto de o processo de desprogramação «funcionar» é tomado, pelas pessoas preocupadas e também por alguns antigos membros, como prova de que o cenário da lavagem ao cérebro é verdadeiro. A mudança abrupta e radical na sua crença e comportamento causada por uma desprogramação é vista como uma prova clara de que o indivíduo resgatado era, de facto, a vítima se não o prisioneiro de uma religião malévola. Além disso, o facto de «terem recuperado o seu ente querido» induz os parentes a ajudar outros a «recuperarem os seus filhos», levando a sua história a público e apoiando as organizações anticulto que os apoiaram. Desta forma, uma pequena percentagem de apóstatas e os seus «salvadores» formaram (ou, mais propriamente, deformaram) a perceção do público acerca de todos os desertores de novos movimentos religiosos.

Contrariamente à opinião pública, a esmagadora maioria dos desertores de novos movimentos religiosos são um assunto de apostasia voluntária. Além disso, a grande maioria das pessoas que se afastam de sua livre vontade falam de forma positiva de certos aspetos da sua experiência passada. Embora reconhecendo prontamente as coisas em que um dado movimento religioso não correspondeu às suas expectativas pessoais e necessidades espirituais, muitos desertores voluntários encontraram maneiras de resgatar alguns valores redentores das suas associações e atividades religiosas precedentes.

Mas há alguns apóstatas voluntários de novos movimentos religiosos que partem profundamente amargurados e que criticam ferozmente as suas associações e atividades religiosas e anteriores. As suas dinâmicas de separação de um grupo religioso outrora amado são análogas a uma separação matrimonial amargurada e divórcio. Tanto o casamento como a religião requerem um grau significativo de compromisso. Quanto maior o envolvimento, tanto mais traumática a rutura. Quanto mais longo o compromisso, tanto mais imperiosa a necessidade de culpar o outro pelo fracasso do relacionamento. Os membros de longa data e muito envolvidos de novos movimentos religiosos que, com o tempo, se desencantaram da sua religião, muitas vezes atribuem toda a culpa às suas associações e atividades religiosas anteriores. Eles transformam pequenas falhas em males enormes. Eles transformam deceções pessoais em traições mal-intencionadas. Eles até contarão falsidades incríveis para prejudicar a sua antiga religião. Não é de surpreender que estes apóstatas, depois do facto, muitas vezes recorram aos mesmos cenários de lavagem ao cérebro geralmente invocados para justificar a desvinculação forçada de novos movimentos religiosos.

IV.II. TÁTICAS DE REENTRADA

A desvinculação de associações e atividades religiosas anteriores é apenas metade do processo de renúncia à sua fé num novo movimento religioso. O apóstata, quer voluntário quer coagido, enfrenta as tarefas mais terríveis de regressar à cultura dominante e de reformular uma nova identidade e visão do mundo. A reentrada raramente significa simplesmente regressar ao seu estilo de vida e mundividência que tinha antes de ingressar num novo movimento religioso. O filho «pródigo» regressa como uma pessoa diferente, trazendo consigo todo um conjunto de experiências que de algum modo devem ser explicadas e integradas numa nova situação psicológica e social. Esta transição muitas vezes é influenciada por sistemas familiares, redes sociais, grupos religiosos, instituições educacionais e organizações anticulto. Não é de surpreender que a influência destes grupos deturpe profundamente a interpretação das associações e atividades religiosas passadas do apóstata.

Independentemente do modo como se partiram, os apóstatas têm de ter em conta a sua anterior conversão a um movimento religioso não-tradicional e subsequente separação do mesmo. Muitas vezes recebem a autojustificação que procuram de organizações anticulto ou de grupos religiosos fundamentalistas, os quais oferecem as explicações de lavagem ao cérebro para racionalizar a súbita adesão a um novo movimento religioso e o igualmente súbito abandono do mesmo. A informação fornecida por estes grupos é geralmente altamente negativa e muitíssimo tendenciosa contra a organização deixada para trás. Mais precisamente, estes grupos fornecem-lhes uma *língua franca* para contarem as suas histórias de sedução e libertação. Numerosos cientistas sociais têm salientado que estas biografias de «sobrevivência do culto» são relatos altamente estilizados que denunciam a influência de cenários emprestados de cativo e de libertação — cada relato uma história ensaiada de isolamento social, manipulação emocional, privação física, exploração económica e controlo hipnótico. Estes «contos de atrocidades» servem para justificar o indivíduo apóstata e também para acusar a nova religião de crença irracional e comportamento imoral. Eles também transmitem e formam percepções públicas das novas religiões como ameaças perigosas à liberdade religiosa e à ordem civil. Dada esta imprensa negativa, mesmo aqueles apóstatas que não caem sob a influência direta de organizações anticulto ou de grupos religiosos fundamentalistas são muitas vezes influenciados pelas suas representações negativas da religião que deixaram para trás.

V. CONCLUSÕES:

A análise acima mostra claramente que embora haja uma certa incidência de apostasia em novos movimentos religiosos, a esmagadora maioria das pessoas que se desvinculam destas religiões não-conformistas não abrigam má vontade duradoura em relação às suas associações e atividades

religiosas passadas. Embora reconheçam abertamente as coisas que as desapontaram nas suas necessidades e esperanças religiosas, elas foram capazes de tomar consciência do significado e valor positivo das suas experiências passadas. Por outro lado, há muito menos apóstatas profundamente apostados em desacreditar, se não destruir, as comunidades religiosas a que outrora afirmaram lealdade. Na maioria dos casos, estes apóstatas foram forçados a separar-se das suas comunidades religiosas devido a intervenção de parentes e de grupos anticulto, ou ficaram sob a influência de grupos e literatura anticulto pouco tempo depois de terem desertado voluntariamente de um novo grupo religioso.

É inegável que estes dedicados e obstinados oponentes das novas religiões apresentam uma visão distorcida das novas religiões ao público, aos institutos e aos tribunais devido ao seu zelo e disponibilidade imediata para testemunhar contra as suas associações e atividades religiosas antigas. Tais apóstatas agem sempre num cenário que os justifica, transferindo a responsabilidade pelas suas ações para o grupo religioso. De facto, os vários cenários de lavagem ao cérebro, tantas vezes invocados contra os novos movimentos religiosos, têm sido esmagadoramente repudiados por cientistas sociais e estudiosos de religião como não sendo mais do que esforços calculados para desacreditar as crenças e práticas de religiões não-convencionais aos olhos de agências governamentais e da opinião pública. Tais apóstatas dificilmente podem ser considerados informadores fiáveis por jornalistas responsáveis, estudiosos ou juristas. Mesmo os relatos de desertores voluntários sem ressentimentos devem ser usados com precaução, uma vez que eles interpretam a sua experiência religiosa passada à luz de esforços presentes para restabelecer a sua própria identidade e autoestima.

Em suma, perante os factos, os apóstatas de novas religiões *não* satisfazem os padrões de objetividade pessoal, competência profissional e compreensão fundamentada requeridos de testemunhas especializadas.

LONNIE D. KLIEVER
Dallas, Texas
24 de janeiro de 1995

